



**JOACEMA-(DES)-VIRADA:
A CIDADE ENCANTADA DOS PATAXÓ**



THIAGO MOTA CARDOSO

*Professor do Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da UFAM (PPGAS-UFAM)
e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Áreas
Protegidas na Amazônia (MPGAP/INPA)*

ENCANTAMENTO RIZOMÁTICO

*Impossibilidade da visão e da impermanência da precisão. Vila braba
dos encontros-encantes-errantes dos Pataxó em mundos de virações.*





I

Na praia, em frente ao Muriã, próximo de onde estávamos, na Lagoa Grande, uma sobrinha de Ângela encontrou nos arrecifes uma pedra diferente, com um brilho indescritível. Ela, atraída, pegou a pedra e ficou tonta e com medo. Avisou ao marido, que lhe disse que ela, a pedra, era encantada, para ela pegar e tentar desencantar. A moça, no início, não teve coragem, mas sob insistentes pedidos, vindos de pessoas da aldeia e das cidades vizinhas que queriam comprar a pedra, foi pegar a tal pedra. Ao trazer a pedra para casa e abrir a porta, olhou para o marido e viu na verdade um bicho horrível, peludo com dentes enormes. Com medo, a pedra sumiu de sua mão e reapareceu na praia. Ao soltar a pedra e sair do espanto do encantado, ela passou a ver normalmente.

II

Erilsa (conhecida como Uruúba), professora da Escola Indígena e hoje liderança Pataxó, me contou que ela e os alunos estavam tendo uma aula de biologia sobre peixes ósseos e cartilagosos. Num certo momento, um aluno perguntou se existia arraia de água doce em Barra Velha. Ela respondeu que sim, que a sogra de seu irmão contava que no rego, um buraco no brejo, com água bem escura, tinha uma cacimba e lá algumas pessoas viam uma arraia bem grande em cima da água boiando, encantada. Os alunos perguntaram, “professora quem encantava nessa arraia?”. E ela respondeu: “boa pergunta, vamos pesquisar?”. Em Barra Velha, no mesmo córrego onde fica o rego, tinha um córrego com mais água, tinha árvores enormes como uma jundiiba. Ali era um lugar encantado, onde era possível ver peixinhos reluzentes e uma lagosta enorme. As margens foram desmatadas e foi construída ali uma ponte e uma estrada para veículos, aterrando o buraco habitado pelos encantados.

III

Os Pataxó, povo indígena habitante do sul baiano, descrevem os encantados como sendo materialidades invisíveis, existências que se vê-ouvindo, que se ouve-vendo ou se conversa nos sonhos situados em lugares-em-multiplicidade ontológica. É sobre este assunto que nos debruçaremos neste ensaio etnográfico.

Encantados são habitantes das matas, rios e mar, em geral vivem em buracos, grutas, sumidouros, fundo de pedras, onde fazem seus lugares que, na perspectiva Pataxó, não são paisagens selvagens, mas, sim, são suas cidades e reinos. Encantados são, ao mesmo tempo, pessoas que sofreram encantamento pela ação de Deus nos tempos primordiais da criação, sendo responsáveis por cuidar dos animais e peixes – são as mães da caça, sereias e mães d’água. Há outros encantados, também pessoas, que se encantaram, sob benção de Deus, no momento da

morte, em virtude de manterem uma vida magnificada por suas ações e sabedoria, por serem grandes lideranças ou pajés. Estes morreram e se encantaram por permissão de Deus e são conhecidos também como caboclos. O espírito bom, aquele encantado, é poderoso, capaz de ajudar os Pataxó em sua lida cotidiana, a curar doenças e a prever o futuro. Traz mensagens e é bom conselheiro. Tais encantados são bem recebidos nos rituais e, por outro lado, evitados pelos Pataxó evangélicos que os descrevem como “enganações” do demônio, e não como pessoas, parentes que morreram, ou pessoas antigas criadas por Deus para cuidar das coisas do mundo.

Se quisermos compreender as implicações do encantamento é importante situarmos o corpo encantado no seu lugar de existência, o que os Pataxó denominam de lugar encantado, fazendo uma brevíssima leitura da noção de mundo Pataxó, ou de lugares-mundos¹. Para os Pataxó em Barra Velha, o mundo possui três dimensões espaçotemporais de existência: um estado primordial, a partir do qual tudo no mundo passa a existir a partir da ação de Deus – também chamado de Tupã, Niamisũ ou Txôpay: Deus criou o mundo e o preencheu com coisas animadas, que agem no mundo e possuem a prerrogativa da comunicação. As segunda e terceira dimensões ou estados, são a existência visível e invisível da materialidade. Tais existências se dão após a transformação do mundo primordial a partir do demiurgo.

As coisas que existem no mundo atual são percebidas em três categorias: a primeira delas seriam as “coisas da natureza”. Em diversas conversas que tive com os Pataxó, teriam me dito que “natureza” para eles tinha um sentido mais alargado², que abarcava tudo o que existe-agindo no mundo: terra, pedras, animais, plantas, matos, insetos, ventos, morros, os cantos dos pássaros. Essas “coisas da natureza” são coletivos de coisas animadas, que agem no mundo, comunicam-se em suas linguagens e se transformam a partir das relações em que estão enredadas. As “coisas da natureza” dizem muito mais sobre as origens e performatividades das coisas em seus lugares no mundo do que a uma essência ou substância biológica dada de antemão. Todas as “coisas da natureza” foram criadas por Deus nos tempos primordiais e deixou para o cuidado dos encantados. Ele também criou, nos tempos antigos, as pessoas, as gentes, sejam índios ou brancos. Deus santificou algumas pessoas que são seus mensageiros diretos, mediando a relação dos humanos com o supremo. Por outro lado, os bichos virados e os espíritos ruins não seriam coisas de Deus, estariam perdidos pelo mundo, são da “coisa ruim” ou “demônio”.

Um outro ponto sobre as existências. Como dito, tudo o que existe no mundo existe, ao mesmo tempo, em duas outras dimensões ou estados: uma dimensão visível e uma dimensão invisível. Estas não correspondem, respectivamente, a dimensões materiais e imateriais, objetivas e subjetivas, mas sim a materialidades que se apresentam de uma forma a outra ao observador, em mundos dis-

tintos, onde pessoas vivas, mortas e encantadas performam mundos com seus corpos. O mundo visível é o que percebemos como nossa realidade, e o mundo invisível as coisas se apresentam de diferentes formas quando a pessoa se encontra em encantamento, ou virada, situando-se no mundo dos encantados. O mundo invisível é o mundo dos espíritos dos mortos e também o mundo dos encantados e caboclos.

104



A dimensão primordial é dada: um mundo repleto de gentes e suas coisas (objetos, plantas, rituais), “coisas da natureza”, santos e demônios. Deus encantou e encanta o mundo a partir da metamorfose material e do modo de agir de um humano vivo e visível em encantado e invisível. Pessoas, vivas, mortas ou encantadas, não estariam na categoria do que comumente chamam de “coisas da natureza”. Cada coisa criada no tempo primordial tem o seu lugar numa simultaneidade de corpos duplos, seja no mundo visível ou invisível. Estes lugares não são dados, e sim devem ser constantemente recriados, cuidados e controlados pelas pessoas humanas e não-humanas, sejam estes materialmente visíveis, como os Pataxó, ou invisíveis, como os encantados, para que a vida tenha continuidade. Como me disse uma vez Ianã, morador do Muriã, “tudo tem que ter uma pessoa pra cuidar. Tem que ter uma mãe pra cuidar daquilo”.



Figura 2. (sem título)
Fonte: Thiago Cardoso, 2014.

Enquanto os humanos abrem lugares e cuidam das coisas da casa, das plantas e dos animais amansados, cabe aos encantados das matas, a caipora ou vovó, e dos rios, as mães d'água, intra-agir com as “coisas da natureza”, cuidando de suas existências. Enquanto os humanos abrem seus lugares a partir da transformação material direcionando as relações para seus interesses, numa lagoa, como a Lagoa Grande, os encantados fazem seus lugares e cuidam dos animais, das plantas e de outras coisas. Lugares, sejam encantados ou não, emergem do movimento e do crescimento de pessoas e “coisas da natureza”. As matas, com seus habitantes animais, são cuidados pela vovó da mata (a caipora), que habita buracos debaixo da terra. Os peixes e mariscos são cuidados pela mãe d'água, que vive debaixo de pedras nos rios e na linha que separa o mar da terra. Adentrar nestes mundos encantados seja pelo sonho ou pelo encantamento do corpo/lugar é correr o risco de mudar de perspectiva e de começar a ver as coisas de outra forma. Estes lugares são evitados ou, caso haja necessidade de acesso para se capturar algum animal, marisco ou peixe, é necessário negociações.

Todas as coisas existentes ocorrem materialmente no mundo em um constante devir, são ontologias instáveis, que trocam de posições – entre o visível e o invisível, o vivo e o morto, o brabo e o manso – em decorrência das malhas relacionais que emergem dos movimentos e encontros ao longo de suas jornadas de vida. Trocar de posições é trocar de lugares. Os humanos fazem e desfazem seus lugares, quando junto a outros modos de vida com os quais intra-agem, coordenam ações de transformação e adequação das coisas da natureza - do mundo dos encantados - ao seu modo de vida. Assim criam lugares, morada de linhas de vida que passarão a viver juntos: gentes com seus parentes, plantas e animais domésticos. A inversão também é verdadeira: um lugar ou morada, quando tomada pelos matos e pelo encapoeiramento, torna-se habitada pelas “coisas da natureza”, morada dos “outros”, e sua gestão passa a ser dos encantados. Ao mesmo tempo, um encantado a todo tempo cruza as fronteiras entre os lugares, realizando visitas em rituais ou no cotidiano nas casas das pessoas, e gentes adentram nos lugares, seja para pescar ou caçar, ou, por intermédio de um rezador, para recuperar algum espírito capturado.

Um lugar encantado é um lugar onde todos os habitantes da mata chegam e partem em seus movimentos. Seres que não devem trocar de lugar: gente, espírito dos mortos, animais, plantas, encantados e caboclos, todos têm seus lugares. Uma vez seu Zé, da aldeia Craveiro, me disse “cada um tem seu lugar, e cada um tem seu dom”. Mudam-se lugares e corpos ao mesmo tempo, pois são entrelaçados em co-construção. Cuidar do lugar, do corpo e das relações de reciprocidade é manter-se gente, condição fundamental para não virar bicho – torna-se gente com os lugares. Assim, a posição de gente, de humano, bem como do lugar não é

condição a priori, mas sim um processo o qual a pessoa deve ao longo de sua vida cultivar, sendo afetado pelo lugar e o afetando, na busca do viver sossegado junto com outras linhas de vida que perfazem seus caminhos. A vida, entre lugares, passa-se entre os limites, nas fronteiras, e o cruzamento delas, pelos perigos que comportam, deve ser evitado.

Isto nos faz perceber que “coisas da natureza” e ‘coisas de gente” não são domínios separados da realidade, que tais coisas vivem de forma separada e possuem ontologias radicalmente distintas: o que prevalece é a animacidade generalizada e a troca de lugares/perspectivas, o cruzamento de fronteiras e a iminência da transformação. Estes lugares na natureza, onde nem um humano vivo abriu lugar, recebem nomes binominalmente de acordo com eventos ou pela descrição de sua forma. O primeiro nome refere-se ao estatuto de sua existência: mata, mar, campo, mangue, monte e serras. Como as Mata do Coração, Mata do Parque, os Campo do Coelho, Campo do Coração, Campo Branco, Monte Pascoal, Serra da Gaturama, Serra do Gavião, no mangue temos Bagueira de Cima e Bagueira de Baixo, Pacuio, Riacho, dentre tantos outros lugares nomeados. No mar também teríamos pedras e cabeços, com seus nomes como Calungi e Pedra do Nego. O Monte Pascoal é um caso ímpar: seu nome só foi reconhecido recentemente após contato com personagens do Estado, antes era comumente chamado apenas de pedra ou Pé da Pedra. São nestas manchas nomeadas na paisagem onde os invisíveis encantados fazem e desfazem seus lugares, bem como circulam dia a dia.

JOACEMA, DESENHANDO MUNDOS VISÍVEIS/INVISÍVEIS

Joacema foi uma cidade que se encantou

|

Estávamos na aldeia Barra Velha, no território indígena Pataxó. Durante minha pesquisa de campo etnográfica, era comum eu e meus filhos Luana e Caio banharmos nas águas quentes da lagoa grande, a meio caminho entre nossa casa, na praia, e a sede da aldeia. Enquanto banhava em suas águas quentes, Caio e Luana brincavam sob o sol já escondido por detrás de Barra Velha, e o crepúsculo estourava em multicolor. Lembrei dos ensinamentos que obtive entre os mais velhos: seria prudente evitar os banhos nas lagoas ou ficar perto do mar com as crianças desprotegidas, ainda mais se elas fossem tidas como pagãs, como era o caso de Caio e Luana. O risco era da mãe d’água gostar deles e agir para atraí-los para o encanto, seu lugar de morada.

Figura 3. (sem título)
Fonte: Thiago Cardoso, 2014.



A Lagoa Grande é uma lagoa que flui. É difícil precisar seus limites. Suas águas são oriundas dos diversos córregos que descem do Monte Pascoal. Quando a lagoa está cheia, elas interligam o Rio Caraíva com o Rio Corumbau e penetram pelo manguezal, por brejos e por debaixo da terra, deslizando pela areia da praia e se entrelaçando às águas do mar. Nos buracos onde saem esta água doce, nas praias, nos lajedos de pedra, é possível ouvir – nem todos conseguem em estado normal – os toques dos tambores da mãe d’água, um encantado das águas. Ao longo da lagoa há muitos lugares encantados, são sumidouros onde vivem estas invisíveis pessoas encantadas, onde se é possível “ver” animais ou pedras encantadas, como índice da existência de um lugar invisível para as pessoas em “estado normal”, com sua perspectiva assentada no mundo vivido pelos Pataxó. O “ver” para os Pataxó diz respeito às múltiplas possibilidades de sentir uma presença, de perceber o nós-com-outro. Uma pessoa pode ver um encantado pelos assovios ou pelo toque do tambor, assim como uma caça pode ver um caçador sentindo seu cheiro.



O nome Muriã é dado para se referir a este coletivo de lugares-moradas do grupo familiar que emerge a partir de Tururim. Batizado por Tururim, Muriã quer dizer “lugar da areia branca com arbusto”. Assim surge o Muriã e desse modo este lugar se tornou também outro, com outros encontros entre linhas de vida. Foi ali no Muriã que foi cedida nossa morada inesperada, inaugurada com nossa chegada no dia 01/02/2014, no Buraco do Tapuia. Buraco do Tapuia foi o nome que batizou o lugar. Nome dado em homenagem aos buracos no lugar denominado de Joacema, de onde saíram os famosos Tapuias Abatirás, encantando o mundo.

Joacema, lugar indígena encantado. Secularmente encravado no epicentro do território Pataxó no extremo Sul da Bahia, nas confluências das forças da terra-mar. Joacema se conecta com a Lagoa Grande pelo subterrâneo, por onde a água flui. Durante todo o período que passei em Barra Velha durante minha pesquisa etnográfica, nunca consegui alguém para me levar a Joacema, situada ao sul da aldeia, entre a famosa e turística praia do Espelho, em Trancoso, e a vila de Caraíva. As pessoas não tinham tanto interesse em ir a este lugar e também não era passagem ou destino para ninguém atualmente – diferentemente do passado, quando os Pataxó tinham que passar andando por Joacema para ir até Porto Seguro.

Em Joacema, todos dizem “ninguém consegue viver, fazer casa por lá, é encantado”. Paradoxalmente, Joacema para muitos é um “lugar histórico”, “onde começa a história dos Pataxó” ou que os “Pataxó tem muito pegadio”. Um lugar muito lembrado nas narrativas e histórias contadas, onde ninguém vai ou consegue morar, a não ser alguns alunos das escolas das aldeias em suas pesquisas de campo. Um lugar que não adentrou nos mapas das medições e demarcações das Terras Indígenas e que não foi reivindicado nas retomadas de terra.

Explicou Tururim, em uma conversa que tivemos no Muriã, que na época que Joacema foi construída, Salvador, a capital da Bahia e do Brasil, estava também em construção. Neste tempo, uma criança indígena saía do buraco na Joacema para caçar um bem-te-vi. Em uma de suas saídas, o filho de um branco pegou o bem-te-vi. O pequeno nativo foi pegá-lo de volta e o menino da vila acabou batendo nele e ficando com o pássaro. O menino indígena adentrou de volta no buraco chorando. Em pouco tempo, os tapuio Abatirás, ou Bakirás, e para alguns Mavão ou índios Formiga, saíram do buraco e devastaram Joacema não deixando nada para contar história. Os índios retornaram para o buraco e nunca mais voltaram. Após este evento, Joacema se encantou. O motivo do encantamento é uma incógnita.

Figura 4. (sem título)
Fonte: Thiago Cardoso, 2014.



Quando se passa por Joacema, lá se mostra como um lugar de mussununga, com cajueiros bravos enfileirados e outras plantas dos campos. Tem uma lagoa, chamada de lagoa tola, pois corre pelo lado contrário: da direção do mar para a oeste. O buraco dos Tapuias são três buracos com cerca de cinco metros que ficam nas falésias. A outra Lagoa Encantada é onde fica um facho de ouro. Dizem que o encantamento se deve a este facho: quem consegue “vê-lo” fica com vontade de pegar, mergulha, mas quando toca nele, ele desaparece ou na hora de desencantar perde a coragem. Outras pessoas não possuem coragem e nem realizam o mergulho. Para desencantar, é necessário deixar o sangue ou a saliva no objeto encantado, trazendo-o para nosso mundo. Conta-se que muitos já tentaram sem sucesso.

Esta Joacema antiga, hoje encantada, tinha casas, calçada e porto, sendo construída ao mesmo tempo em que Salvador, a capital do Brasil Colônia, era erigida no século XVI. Ela está lá em seu encanto, em plenitude reluzente, com máquinas funcionando, animais cantando, calçada, barcos aportando, bares e moradias, mas na invisibilidade para quem não está sob efeito do encanto. Dizem as histórias que algumas pessoas, após passarem por Joacema à noite, vêem esta cidade, galos cantando fora de hora, cachorros latindo. Certa vez um rapaz an-



dando pela praia encontrou uma casa com uma mulher que o chamou para se deitar com ele. Ele não negou companhia e entrou na casa. Passou uma noite de sexo na casa da moça e, ao acordar, se viu dormindo debaixo de um cajueiro bravo. Olha para o lado e para o outro e só encontra cajueiros, todos arrumados lado a lado, como casas em uma rua. Conta-se que, antigamente, os viajantes que ali passavam chegavam numa cidade e deitavam numa rodoviária ali amanhecendo o dia. Quando abriam os olhos, eles estavam debaixo de um pé de árvore. Esta pessoa estava sob efeito do encanto e por isso “trocou de lugar”, passando a ver um mundo como um ser encantado o vê. Uma pessoa sob o encanto também vê guaiamuns encantados, jacarés, flores, cobras. Se estivesse em “estado normal”, ele veria o mundo como nós normalmente o vemos, e a cidade encantada estaria ali, mas invisível.

As narrativas sobre Joacema demonstram uma memória sobre um evento histórico ocorrido há mais de quatro séculos. O príncipe Maximilian Wied Neuwied descreveu Joacema em sua passagem pelo lugar, lembrando o documentado ataque a esta vila:

Uma vez alcançada a margem do norte com toda a ‘tropa’, avançamos, ao longo da costa, pela planície coberta de frondosas balsas, limitadas a distância por colinas; mas logo e de novo encontramos altas e íngremes ribanceiras de argila e arenito, que foi preciso escalar, pois as vagas impetuosas tornavam a costa inacessível. Segue-se uma trilha escarpada até o elmo dessas ‘barreiras’, e entra-se num altiplano, num ‘campo’, denominada Jauassema ou Juassenia. Nesse local, de acordo com a tradição dos moradores, houve outrora, nos primórdios da colonização portuguesa, grande e populosa vila do mesmo, ou Insuacome, mas que, à maneira de Sto. Amaro, Porto Seguro e outros estabelecimentos, foi destruída pela guerra com uma bárbara nação de canibais, a “Abaquirá” ou “Abatirá”. Essa tradição se baseia, sem dúvida, nas devastações que os Aimorés, ora Botocudos, levaram à ‘capitania’ de Porto Seguro, quando a invadiram em 1560, conforme encontramos relatado na History of Brazil de Southey e na Corografia Brasilica³.

Ali do alto da Joacema o naturalista expressa todo seu olhar paisagístico, uma visão romântica de uma natureza selvagem e uniforme:

Dessa altiplanura, o panorama do ermo litoral e do oceano imenso é sublime, e arrasta o espírito do viandante solitário à contemplação embevecida. Os coleios da costa vão perder-se nos longes do horizonte azul; as ribanceiras vermelhas e alcantiladas alternam-se com os vales umbrosos, que, tanto como as alturas, são forrados de florestas de matiz verde-escuro; os vagalhões do oceano raivoso escachovam com um rumor profundo e cavo; na distância indistinta, os olhos contemplam a branca espumarada torvelinhando nas fragas, e o estrondo trovejante da eterna e compassada ressaca, que a voz de nenhum ser vivo interrompe, retida majestosamente pelas solidões intermináveis. Profunda e solene é a impressão que produz a cena sublime, quando pensamos na sua constância e uniformidade através de todas as vicissitudes do tempo⁴

Os Pataxó tratam do encantamento da Joacema como parte de um evento histórico que enreda os tapuío, os brancos, cidades, plantas, minerais e Deus. Essa perspectiva diferencia-se da forma como Florent Kohler trata do assunto. Para Kohler, “não deixa de surpreender a persistência, sob uma forma fragmentária” deste mito, entre um povo “profundamente impregnado pela fé católica” e que “preservaram tão pouco de seus costumes antigos e tradições”. Para ele, a referência a “índios selvagens” vivendo debaixo da terra indica um mito com importância estrutural, pois indicaria uma representação temporal das noções de selvagem e civilizado, inscrito no espaço⁵. Por outro lado, a emergência materialista e relacional da Joacema enquanto lugar encantado se dá com a recusa de entender tal fenômeno enquanto uma criação mental ou metafórica, mas sim compreendê-lo enquanto um evento histórico e sociológico.

||

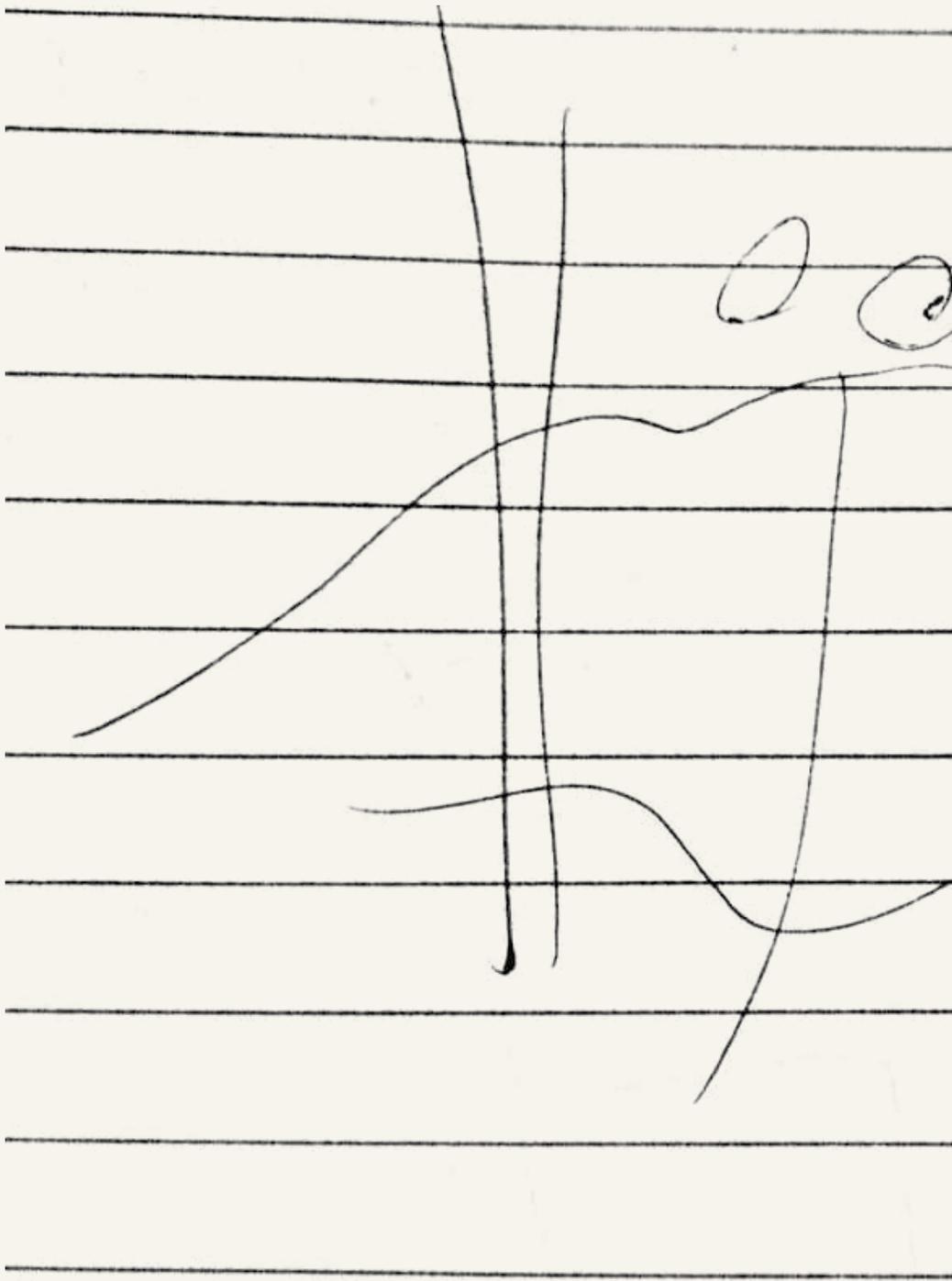
Vamos voltar para a pedra encantada do início deste ensaio. A pedra encantada nos sumidouro nos leva para os fios de água que nos ligam a Joacema vista de baixo. Na perspectiva do Jairo, que me contou esta história numa noite em Barra Velha, ver a pedra encantada implica um corpo afetado pelo encanto, um corpo localizado no lugar encantado. Ver é estar localizado, num corpo/lugar afetado. O lugar virado, afeta a visão-escuta da pessoa em encantamento. Não se trata aqui de uma representação ou de uma crença, mas sim numa ontoepistemologia onde “naturezas” se transformam afetando corpos.

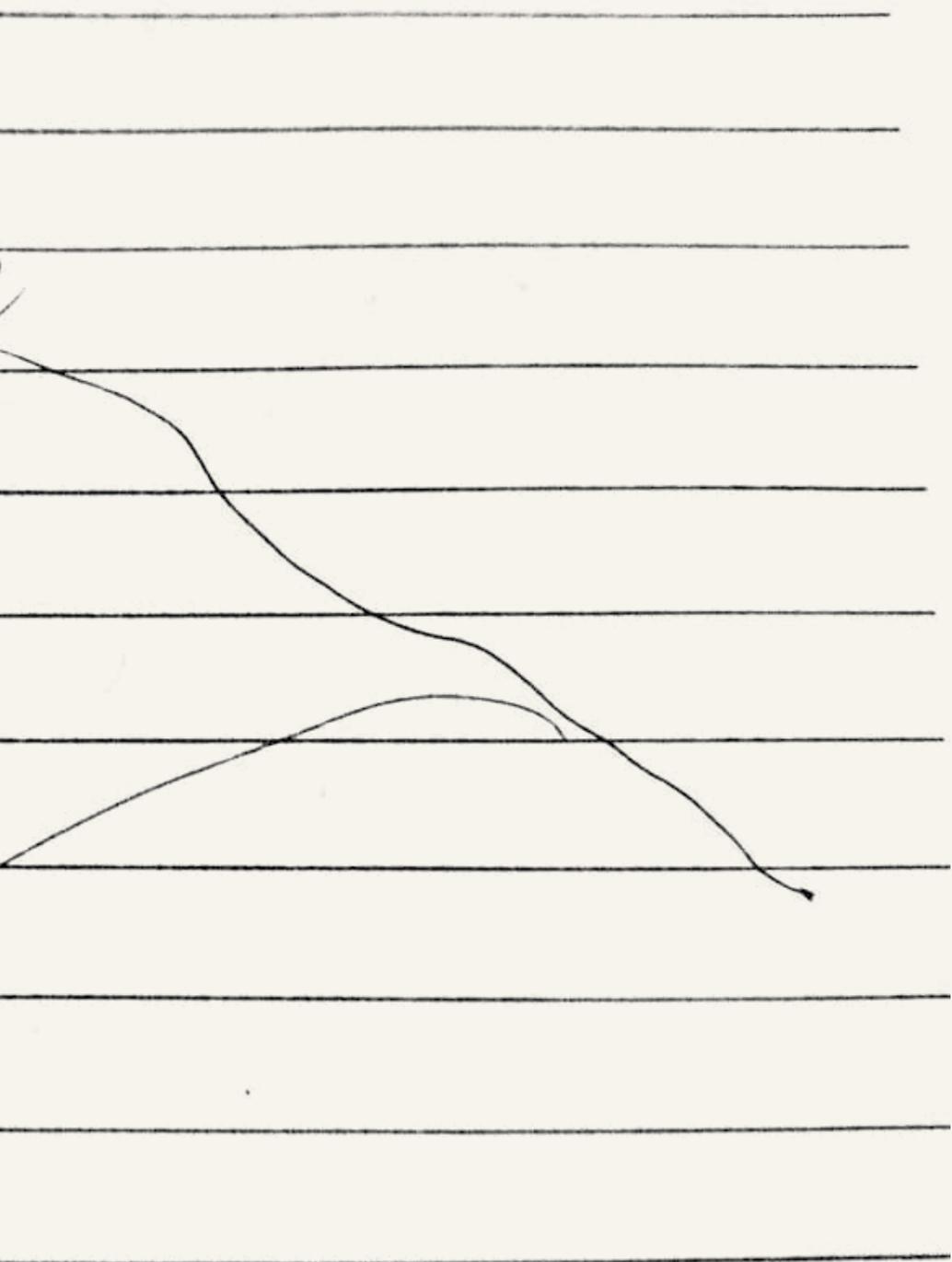
111

Segue o fio. Em Barra Velha, havia muitas destas pedras, recolhidas das matas pelos indígenas do passado ali se encantou e podem ser vistas nas águas do mar e das lagoas. Na lagoa, como a lagoa grande, em sua época de cheia, as pedras podem ser vistas por pessoas que conseguem ver, brilhantes em seu fundo, junto com peixes brilhantes. Ao pegar esses peixes eles transpassam suas mãos como se ela estivesse furada, disse-me o meu interlocutor. Seguindo esta história lhe perguntei sobre os minerais que ficam dentro da lagoa da Joacema: “isto é outra história, mas é a mesma”, me contou desenhando o movimento da Joacema encantada, o seu mapa (ver figura na próxima página).

Jairo, muitas vezes passava andando por Joacema. Ali ficava olhando. Assim como em todas as narrativas sobre Joacema, as coisas acontecem à meia noite. É quando você pode ver a cidade, os galos cantando e as galinhas ciscando. Na sua parte alta teriam cajueiros brabos enfileirados como casas na cidade, que na Joacema seria cajueiros-casas, materialidades múltiplas que se apresentam a perspectiva do sujeito localizado no encanto (cidade) ou fora dele (cajueiro brabo), ou como diria Jairo, “ali é tudo casa”. No mar você consegue ver os postes de ferro com argolas, que marcam o tempo histórico da transformação.

Próxima página: Figura 5. Joacema
(desenho em caderno de campo)
Fonte: Thiago Cardoso, 2014.





“Eu tenho o encantamento do mar!”, me disse Jairo. “Já fui lá em Joacema pelo mar”. No mar eu era recebido pelas meninas, pelas sereias. “Às vezes andava pela praia e escutava um barco parar perto das pedras e ali eu escutava todas cantando”. Para Jairo, as meninas eram lindas e gostavam muito dele. No mar elas lhe ofereciam um liquidozinho para beber, as comidas eram leves, tinha muita fartura, as frutas estavam disponíveis nos pés e a comida era “limpa”, diferente da comida que comemos, pesada, mal cheirosa (com carne). Para entrar no mar era só ele bater na água que ele trocava de roupa direto: “virava como um tubarão!”. Entretanto, dentro do mar, todo mundo era gente: peixes, tubarões, tartarugas, todos gente, vendo o mundo como humanos. Todavia, o corpo para entrar tinha que estar limpo, um corpo formado por comidas limpas (sem carne e sem cheiro), sem esta premissa as mulheres-sereias não se interessaram por sua presença e não apareceriam para ele.

Dentro do mar ele era levado a muitos lugares, andava muito. Foi andando pelo fundo do mar que conheceu muitas cidades, cidades enormes, onde acontecem muitas festas, tinha carros importados e muita liberdade. Assim foi quando conheceu Joacema pelo mar, e viu o ancoradouro dos navios reluzentes e os buracos que ligavam, como ruas, o mar com a lagoa encantada. Na Joacema, era comum encontrar vacas nas fazendas, vacas-pessoas, igual gente como ele. No mar a transformação era possível “com autorização de Jesus!”. Seguindo as premissas do perspectivismo ameríndio⁶, no ponto de vista de Jairo, no mar era como aqui (na realidade vivida em nossa conversa), mas diferente, pois no mundo virado, não tinha peso, mentiras, cheiros ruins, comida pesada e nem ruindade.



Jairo, todo dia ia no mar, ele vivia por lá com as mulheres. Ele queria ficar lá, encantado. Todo mundo da aldeia achava que ele estava enlouquecendo, pois o corpo dele ficava ali andando pela praia, mariscando, tomando banho, mas ele estava em outro mundo: “era como o mesmo mundo, mas era outro mundo”, disse-me.

CORPOS-LUGARES-PERSPECTIVAS

Joacema é a vila que não fui. É a cidade que não foi. É vila-mato-in-visível-para.



Repensar a cidade, implica reviver a cidade e revirar sua forma de existência, esta “monstruosidade” modernista. Joacema é uma cidade-perspectiva, existente para corpos (des) encantados. Sendo um lugar em encanto afeta a vida cotidiana dos Pataxó e das pessoas que habitam suas bordas. Para os Pataxó, desencantar Joacema, esta cidade de festa, bares, caminhos, tornando lugar dos matos brabos, passível de ser ocupada, implica também, uma inversão: o encantamento do mundo, em especial da cidade de Salvador da Bahia.

Viver Joacema, como vivem os Pataxó, é viver num mundo onde corpos são lugares-mundo-multiespecíficos, estes corpos-lugares-mundos que variam, viram, invertem, transformando perspectivas. Ao performar perspectivas tais lugares, nos acolhem em pensamentos de que olhar as cidades é olhar-ver seus reversos existenciais, que desafiam nas margens as ontologias absolutistas do modernismo - cidade versus rural; construído versus selvagem; visível versus invisível; natureza e cultura, enfim. Diante deste diagnóstico, não estamos propondo nos abirmos para o projeto multiculturalista, que aponta para as muitas representações sobre a cidade, para as crenças culturais ou simbolismos que lhes envolvem, mas sim, para os processos diferenciadores, para multiplicidades e para pluriversos de perspectivas localizadas e em fricção⁷ em mundos que viram e se reviram onde vivem seres que se encantam em habitabilidades outras. ▽

NOTAS / REFERÊNCIAS

¹ CARDOSO, 2018.

² Ver reflexão em DE LA CADENA, 2018.

³ WIED-NEUWIED, 1820, p. 241-279.

⁴ WIED-NEUWIED, 1820, p. 241-279.

⁵ KOHLER, 2009, p. 111.

⁶ VIVEIROS DE CASTRO, 1996.

⁷ TSING, 2005.

/

CARDOSO, Thiago Mota. Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica Pataxó no Monte Pascoal. Brasília: IEB Mil Folhas, 2018.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, p. 115-144, 1996.

CADENA, Marisol de la. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, p. 95-117, 2018.

KOHLER, Florent. El mundo salvaje y la tierra de los ancestros: los Pataxó del Monte Pascal (Bahia, Brasil). In:

ELISSON, N.; MAURI, M. M. (org.).
Paisajes, espacios y territorios. Qui-
to: Abya-Yala, 2009, p.109-126.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Friction:
An ethnography of global connec-
tion.** Princeton University Press, 2011.

WIED-NEUWIED, prince Maximi-
liam.. **Viagem ao Brasil.** Belo Hori-
zonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1989
[1820].